

O BRASIL CONTEMPORÂNEO EM “NÃO SE COME DINHEIRO” DE AILTON KRENAK

Indirah Natali Silva Soares¹

RESUMO

O presente artigo apresenta e discute a interpretação do Brasil contemporâneo por Ailton Krenak no texto "Não se come dinheiro". Sua linguagem objetiva, sensível e irônica possibilita o exercício que instiga refletir sobre a percepção crítica do líder indígena acerca dos temas: ambiental, social, pandemia de COVID-19, visões sobre o futuro do planeta em meio aos avanços das práticas capitalistas das quais se perpetuam e condicionam tal conjuntura caótica. Pensar um Brasil, a partir das perspectivas dos povos originários que ergueram trajetórias anticolonialistas e anticapitalistas, são questões pertinentes que serão detalhadas ao decurso deste escrito. Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa irá efetuar seleção e análise crítica de livros, artigos e fontes digitais (vídeos dispostos na plataforma Youtube). Contamos com quantidades significativas de artigos disponíveis na Internet, como também os vídeos, que devido ao período Pandêmico ocasionou o crescimento das produções audiovisuais. Segundo Almeida (2011) os recursos digitais, apresentam-se como tipologia documental para o desenvolvimento das investigações sobre o estudo da história no tempo presente, podendo ser válidas enquanto fontes primárias. Na primeira seção do artigo será apontado parte da trajetória de Ailton Krenak como um intelectual indígena, na segunda o foco é sua narrativa do Brasil contemporâneo. Ler e analisar autores indígenas nos possibilitará entrar em contato com seus conhecimentos, suas formas de ver o mundo, suas lutas. Essa pesquisa será mais uma contribuição para a História Indígena que dialoga com perspectivas trazidas pela História do Tempo Presente.

PALAVRAS-CHAVE: Ailton Krenak. Narrativa. Brasil contemporâneo.

CONTEMPORARY BRAZIL IN "NÃO SE COME DINHEIRO" BY AILTON KRENAK

ABSTRACT

This article presents and discusses Ailton Krenak interpretation of contemporary Brazil in the text "Não se come dinheiro" (One does not eat money). His objective, sensitive and ironic language enables the exercise that instigates reflection on the critical perception of the indigenous leader about the themes: environment, society, the COVID-19 pandemic, visions about the future of the planet amid the advances of capitalist practices that perpetuate and condition this chaotic situation. Thinking about a Brazil from the perspective of the native people who have built anti-colonialist and anti-capitalist trajectories, they are pertinent issues that will be detailed in the course of this writing. From the methodological point of view, this research will carry out a selection and critical analysis of books, articles and digital sources (videos available on the Youtube platform). We have significant amounts of articles available on the internet, as well as videos, which due to the pandemic period caused the growth of audiovisual productions. According to Almeida (2011), the digital resources are presented as documentary typology for the development of investigations on the study of history in the present time, and they can be valid as primary sources. In the first section of the article, we will point out part of Ailton Krenak's trajectory as an indigenous intellectual, and in the second section we will focus on his narrative of contemporary Brazil. Reading and analysing indigenous authors will enable us to get in touch with their knowledge, their ways

¹ Licenciada em História pela Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV Conceição do Coité. Bolsista de Iniciação Científica – PICIN/ UNEB. E-mail: dirahnaty12@gmail.com.

of seeing the world and their struggles. This research will be another contribution to the Indigenous History that dialogues with perspectives brought by the History of Present Time.

KEYWORDS: Ailton Krenak. Narrative. Contemporary Brazil.

1. INTRODUÇÃO

O texto “Não se come dinheiro” é parte do livro *A vida não é útil* publicado em 2020. Trata-se de uma adaptação de três narrativas de Ailton Alves Lacerda Krenak²: uma fala em 2017, uma entrevista de 2019 e de uma live 2020. Rita Carelli é a responsável pela pesquisa e organização do escrito. O segundo livro do autor lançado no mercado por uma das prestigiadas editoras do país, a Companhia das Letras.

Krenak é um importante líder indígena brasileiro da atualidade, se tornou um intelectual muito procurado, sobretudo a partir da publicação da obra “Ideias para adiar o fim do mundo” em 2019. Além de livros, ele se apresenta em programas televisivos, faz palestras em universidades, participa de lives, dessa forma, contamos com muitos vídeos disponíveis no Youtube, em redes sociais etc. Nas falas ele discute temáticas como: o futuro do planeta, o respeito às diversidades e a exploração dos recursos naturais no sistema capitalista.

Apesar da visibilidade agora, devemos destacar que este líder iniciou a sua atuação no movimento indígena desde as décadas de 1970 e 1980, quando participou ativamente das articulações em prol dos direitos dos povos indígenas, contribuindo com a conquista do “Capítulo dos índios” na Constituição de 1988. Krenak pintou o seu rosto, com a tinta preta de jenipapo, no plenário da Câmara, como símbolo de luta e resistência às diversas formas de repressão aos povos originários, que continuam perpetuando até os nossos dias atuais.

Ailton Krenak argumenta que a História, durante muito tempo, silenciou diversos povos nas narrativas da construção do Brasil, contribuindo para o apagamento de várias populações indígenas no afã de fortalecer a narrativa de povos integrados à nação brasileira, que deixaram de ter uma suposta “pureza” étnica, ou seja, deixaram de existir (SILVA, 2004; 2017).

Krenak, inclusive, afirma em suas falas que traz consigo, muitos intérpretes, os ancestrais de sua etnia, seus parentes, artistas, rios, montanhas... Todos influenciam na construção de sua prosa.

² Não se come dinheiro- Texto elaborado a partir da live de Ailton Krenak e Leandro Demori para The Intercept Brasil, 8 abr. 2020; fala de Ailton Krenak no evento Plante Rio, na Fundação Progresso, Rio de Janeiro, nov. 2017; e entrevista a Amanda Massuela e Bruno Weis, “O tradutor do pensamento mágico”, Cult, 4 nov. 2019.

Desse modo, estudar pensadores como Krenak possibilita o contato com debates e visões de mundo que destoam das leituras de Brasil produzidas por elites do país.

As fontes digitais foram a base para o desenvolvimento da pesquisa. Consultamos e analisamos artigos, livros, vídeos disponíveis na plataforma YouTube. Trata-se de uma apreciação qualitativa de dados que partiu da seleção e cruzamento dessas fontes, no intuito de aprender sobre a interpretação do Brasil contemporâneo construída pelo autor. Destacamos a internet como elemento de extrema importância para o engajamento e emersão de diversas narrativas que tiveram suas pautas silenciadas ao longo dos séculos, dentre estas, as indígenas.

Segundo Maia (2018), a internet vem sendo um veículo mais democrático e amplo para exposição de opiniões. A rede é para as populações excluídas, uma ferramenta ideal de proporcionar diálogos com o seu meio, o autor afirma que

Desse modo, a internet é entendida como um espaço muito menos burocrático de comunicação e, por conseguinte, de compartilhamento de conteúdo. Esse fator, é claro, favorece demais a veiculação de enunciados e de narrativas por parte de qualquer usuário, mas se torna ainda mais interessante no caso daqueles que tiveram historicamente poucas oportunidades de terem suas pautas abordadas pelas grandes corporações de mídia, agentes históricos de monopolização no mercado de circulação de informações. (MAIA, 2018, p. 955).

Os recursos digitais apresentam-se como uma nova tipologia documental para o desenvolvimento de pesquisas historiográficas no tempo presente. Com o apogeu da internet, os pesquisadores detêm de um aporte abundante de fontes. Todavia, muitos ainda resistem em utilizar a Web como fonte primária para suas investigações. Segundo o autor Fábio Chang de Almeida:

[...] Para os historiadores que buscam compreender o presente, negligenciar as fontes digitais e a Internet significa fechar os olhos para todo um novo conjunto de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que vêm se desenvolvendo juntamente com o crescimento e popularização da rede mundial de computadores. (ALMEIDA, 2011, p. 12).

Esse distanciamento é explicado por Almeida (2011), o mesmo aponta que, por numerosos séculos, a historiografia reformulou suas análises e validação das fontes a partir do suporte de documentos oficiais, ou seja, os textos registrados em papel. Apesar das inseguranças, quanto a veracidade dos sites, as dificuldades no uso das tecnologias e o receio da perda de determinados dados, encontrados no meio virtual, a internet é um dos principais espaços de produção e divulgação de informações na contemporaneidade. É importante salientar que construímos um banco de dados com os vídeos e textos oriundos da internet, baixamos, gravamos e fizemos as devidas referências. Consideramos este aspecto fundamental na execução da pesquisa.

Krenak adverte que “se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou de extinção do sentido de nossa vida. Hoje estamos todos diante da iminência de a terra não suportar a nossa demanda” (KRENAK, 2020 p. 79). Seu objetivo é compartilhar mensagens de um outro mundo possível, pois não podemos continuar banalizando vidas.

2. VOZ DA RESISTÊNCIA: O INTELLECTUAL INDÍGENA AILTON KRENAK

Ailton Alves Lacerda Krenak (1953), nascido em Minas Gerais, na região do Médio Rio Doce, é um ativista, ambientalista, escritor e líder indígena brasileiro (de algum povo específico?). Aos dezessete anos se mudou para o Paraná, aos vinte se alfabetizou e tornou-se jornalista. Por volta da década de 1980, o mineiro passou a se dedicar intensamente ao ativismo e ao movimento indígena, articulando e organizando juntamente com seus “parentes” a luta em prol de direito dos povos indígenas. Krenak teve uma participação bastante expressiva na Assembleia Nacional Constituinte, que ocorreu em setembro de 1987. O líder indígena também contribuiu para a fundação da União das Nações Indígenas (UNI) e a Aliança dos Povos da Floresta, ambos projetos que visam a proteção de povos originários e das florestas. Além disso, foi homenageado comendador da Ordem de Mérito Cultural da Presidência da República e ganhou o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais.³

Na contemporaneidade, principalmente com o advento da pandemia do covid-19, Krenak passou a ser compreendido como uma voz sensata em meio as crises do planeta. Apesar desse importante líder ser bastante mencionado e se fazer presente em diversos espaços na contemporaneidade, é importante frisar que o escritor indígena não fala sozinho, ele não partiu para a ação política do nada e o seu ativismo não surgiu agora. Segundo o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, na apresentação do livro *Encontros: Ailton Krenak o líder indígena* é “um dos maiores líderes políticos e intelectuais surgidos durante o grande despertar dos povos indígenas no Brasil, ocorrido a partir do final dos anos de 1970.” (CASTRO, 2015, p. 8). E acrescenta que

[...]. Ailton fala principalmente do país (com eventuais incursões mais ambiciosas), a partir de sua absorção impressionantemente rápida de uma grande quantidade de informação, seja escrita, fruto de sua convivência com o meio do ativismo pró-indígena em São Paulo e outras cidades, seja a partir de sua decisão de peregrinar pelo Brasil e conhecer toda a diversidade desses que chamará seus “parentes”, bem como de seu contato formativo com alguns pensadores e ativistas nativos- como

³ Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/quem-e-ailton-krenak-escritor-indigena-que-entrou-para-a-lista>. Acessado em: 23 de fev. 2023.

Álvaro Tukano, importante liderança nacional nos anos 1980. (CASTRO, 2015, p. 22)

Nesse sentido, podemos estabelecer relações da afirmação citada acima por Viveiros de Castro com as narrações de Ailton Krenak em diálogo com o apresentador Pedro Bial para exibição do *Conversa com Bial* (TV Globo, 19/04/2022). Segundo Krenak, a região do Rio Doce, durante as décadas de 70 e 80, passaram por momentos de instabilidades, os seus territórios foram disputados com muita violência, tanto o escritor indígena quanto os seus demais parentes foram obrigados a se exilarem em outro local. Esse refúgio significava para eles um momento passageiro e que logo se ajuntariam novamente. Essas andanças por outros lugares do país proporcionaram ao jovem Krenak formas de interação com outras culturas, conhecimentos, contatos com outros povos indígenas e com a sociedade brasileira como um todo. E isso está relacionado com o que Viveiros de Castro citou no começo sobre a decisão de Krenak “peregrinar pelo Brasil” e “conhecer toda diversidade”. Dessa forma, nessa entrevista concedida a Pedro Bial, o escritor indígena compreende esse distanciamento das terras envolta do Rio Doce como “uma geração inteira que a gente chama de geração do exílio. É um exílio, não é uma diáspora, depois a gente volta para casa.” Ademais, o autor já acrescentou em outra entrevista com Sergio Cohn em 2010 que

[...]. Estamos com duas ou três gerações de indivíduos que saíram do contexto de uma comunidade tribal e indígena e começam a interagir com a cultura e com a política do Brasil como um todo. São gerações que passaram a ter certa autonomia e liberdade para transitar no meio de outras pessoas e espaços, sempre trocando e interagindo sem medo de se perder⁴.

Assim como Viveiros de Castro, outros intelectuais e personalidades da mídia brasileira fomentam a importância do líder indígena para a história do Brasil, da maneira como os pensamentos do intelectual podem contribuir com narrativas sobre o país, juntamente com outros pensadores. Pois, por muito tempo, a elite branca acreditava que só ela tinha a ensinar e apenas as suas leituras de mundo poderiam ser reconhecidas como a verdadeira história. Em consonância com esse pensamento, Maria Aparecida Bergamaschi chama a atenção em seu texto, *Intelectuais indígenas, interculturalidade* e educação, para a expressão *Intelectuais indígena*, que começou a ganhar espaço no meio acadêmico e nos movimentos indígenas, tal termo refere-se aos estudantes indígenas que passaram a frequentar os espaços acadêmicos. A pesquisadora observa que, os conhecimentos indígenas e não indígenas são passíveis de haver uma conexão intercultural. Entende-se, também, que o movimento de intelectuais

⁴ Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-27112017-103623/publico/ProducaoCulturalnoBrasilLivro5.pdf>. Acessado em 01 out. 2022

indígenas nas universidades possibilitou ao indígena a oportunidade de mostrar-se autônomos e livres em um país que condiciona aos povos originários um local de invisibilidade. Segundo a estudiosa “Em geral, os intelectuais indígenas se revelam na luta pelo reconhecimento, pela autodeterminação, pelo direito a relações simétricas com outras sociedades, pela afirmação de seus valores, seus conhecimentos, seus direitos políticos e sociais, [...]”. (BERGAMASCHI 2014, p. 12-13).

E acrescenta que

Esses processos de troca não os tornam menos indígenas, como se chegou a acreditar por muito tempo, pois continuam afirmando identidades étnicas e conhecimentos originários. O que ocorre é uma desvantagem dos povos originários que, devido a uma relação assimétrica engendrada no processo colonizador, veem seus conhecimentos depreciados, e inúmeras aprendizagens que as sociedades não indígenas constituem nesses encontros não são reconhecidas [...] (BERGAMASCHI, 2015, p. 15).

Ademais, o pensamento de Ailton Krenak, inserido na sua entrevista a Sergio Cohn no dia 24 de junho 2010, em São Paulo, também contribui com essa ideia discutida por Bergamaschi. O escritor indígena considera positivo o sujeito ir além daquele espaço de convívio com os seus, mas evidenciando sobre a importância de manter um vínculo com sua cultura local e não se esquecer das suas origens. Nesse aspecto, o escritor indígena aborda que

[...]. Talvez as gerações anteriores à nossa não tenham permitido que os sujeitos de dentro saíssem pelo mundo afora com medo de que eles não tivessem estrutura para circular e voltar para casa íntegros. Existia muito uma ideia de que se o índio saiu de sua terra, de sua reserva, não é mais índio, pois estava se misturando com a cultura do mundo inteiro. Essa crítica que parece simples é um preconceito ofensivo para caramba. [...]⁵

Conforme as discussões expostas aqui, é notório que os temas dos indígenas enquanto sujeitos que possuem história e que ressignificam seus valores e culturas se complementam, pois durante muito tempo os diversos povos indígenas foram estigmatizados como povos vencidos e dominados na narrativa histórica. De acordo com Maria Regina Celestino de Almeida (2017), os indígenas sempre estiveram na história do Brasil, contudo foram condicionados como força de trabalho durante o período colonial e, depois dessa fase, desapareceriam ou sofreriam um processo de assimilação com a sociedade brasileira. Contudo, a autora destaca que essas concepções embaladas na construção histórica do Brasil por bastante tempo, já não se sustentam. Diversas investigações deram conta sobre

⁵ Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-27112017-103623/publico/ProducaoCulturalnoBrasilLivro5.pdf>. Acessado em: 01 out.2022.

o fato de que as ações e as escolhas dos indígenas influenciaram em todo o processo de conquista e colonização do país.

Devemos destacar a importância de Ailton Krenak na atualidade, as suas produções orais transformadas em livros escritos promovem novas configurações de produtos formativos, que rompe com a cultura dominante. Contudo, devemos destacar que a relevância do líder indígena no momento do agora não corresponde a toda trajetória de engajamento político iniciada nas décadas de 70 e 80, uma voz que era emitida há muito tempo de repente foi escutada como se fosse uma novidade. Em diversos momentos, quando Ailton Krenak é perguntado sobre a repercussão do seu pensamento durante a crise da Covid-19, o escritor indígena explica que ele já se pronunciava, outras pessoas que viveram antes dele já falavam. No diálogo com Pedro Bial, o escritor pontua “O tataravô falava, o bisavô falava, aí de repente aparece esse camarada falando como se fosse uma descoberta. Eu não tô descobrindo nada, os nossos antepassados sempre disseram isso: pisa suavemente na Terra.”⁶

Os escritos de Krenak também guardam particularidades em comum com os pensamentos do líder quilombola Antônio Bispo dos Santos, conhecido por Nego Bispo. Em um bate-papo realizado pelo canal do Youtube *MUDA Outras Economias* há um momento da fala de Nego Bispo muito sensível, reflexiva e descontraída, quando ele diz que o que aconteceu neste território que veio a ser o Brasil, apesar de todas as adversidades cometidas pela invasão e o processo de colonização, ocorreu aqui um processo de confluência e envolvimento dos povos originários desta terra e os africanos que foram desterrados da África para cá. Como bem disse Nego Bispo para Ailton Krenak:

“Então, olha só, está aqui eu e o Ailton Krenak. Ailton que muito nos anima, nos faz festejar com as narrativas da trajetória de seu povo e da sua própria trajetória. Nós nunca tínhamos nos vistos, mas ao nos encontrarmos ao invés de conflitarmos, confluímos. Nos entendemos através do vento, das árvores, das sementes, através dos cosmos. Isso fez com que até hoje o dinheiro o não nos separe. Até hoje o dinheiro não consegue ser um elemento conflitante entre afro confluentes e povos indígenas.”⁷

Lilia Schwarcz (2020), historiadora e antropóloga brasileira, destaca a grande potência que é Ailton Krenak. Para Schwarcz, o escritor indígena tem sido como “um líder para todos nós”, “um grande filósofo”, “é um grande intérprete do Brasil”. Não muito diferente, o apresentador da TV

⁶ A respeito da fala de Ailton Krenak em bate papo com Pedro Bial, para exibição do programa *Conversa com Bial* da TV Globo, em 19/04/2022 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pzmMgRkGc8Q&t=29s> Acessado em: 27 abr. 2022.

⁷ Sobre o diálogo entre Nego Bispo, líder quilombola, piauiense, em conversa com Ailton Krenak pela plataforma Youtube, publicado em 18/05/2021 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ueQAV_4fWbY&t=29s Acessado em: 28 ago. 2022.

Globo, Pedro Bial, descreve no bate papo com Ailton Krenak, em seu programa *Conversa com Bial* (19/04/22), que a participação do escritor indígena na Assembleia Nacional da Constituinte “entrou para a história”. Sublinhou Pedro Bial que, naquele momento, Krenak não falava somente através das palavras, mas com os gestos, com os símbolos. Em muitos momentos de fala, o escritor enfatiza que prefere o bate papo, a interação do diálogo, do que a escrita. No canal do Youtube *Sempre um papo* sob mediação de Afonso Borges, para o lançamento do livro “Encontros Ailton Krenak”, o líder indígena se reconhece desse modo “Eu não me acho um camarada literário, eu sou do papo mesmo.”.

3. “NÃO SE COME DINHEIRO” E O BRASIL CONTEMPORÂNEO

“Quando o último peixe estiver nas águas e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que ele não é capaz de comer o seu dinheiro”. (Proverbo indígena)

O livro *A vida não é útil* foi dividido em cinco capítulos: “Não se come dinheiro”, “Sonhos para adiar o fim do mundo”, “A máquina de fazer coisas”, “O amanhã não está à venda” e “A vida não é útil”, todos adaptados de palestras, entrevistas e lives realizadas entre novembro de 2017 e junho de 2020. A pesquisa e organização dos textos foi elaborada pela escritora Rita Carelli, que também é atriz, diretora teatral, crítica de arte, autora e ilustradora de livros infantis, muitos desses com temática indígena⁸. Em entrevista Carelli afirma que seu “amor pelas histórias certamente vem da minha infância com os povos indígenas, para quem as histórias estão no centro da vida. São contadas e recontadas o tempo todo. Elas organizam as relações, os comportamentos e mesmo a forma de estar no mundo”.

Em uma linguagem clara, direta e fluida, Ailton Krenak tece reflexões contundentes acerca da pandemia de covid-19 que parou o mundo. O pensador indígena dirige suas críticas às ideias destrutivas e predatórias que foram disseminadas em prol de uma suposta “civilização”: o consumismo exagerado, a destruição ambiental e uma visão unilateral do que é a humanidade. O livro tem uma importância relevante, pois tem como finalidade deixar um recado importante sobre o impacto do desenvolvimento acima das variadas biodiversidades. Rompe também com as leituras centradas na cientificidade colonialista que desconsideram a sabedoria anticolonial.

⁸ Informações disponíveis em <https://www.ritacarelli.com/>. Acesso em 20 fev. 2023.

O título deste texto “Não se come dinheiro” é bem relevante e provocativo, pois surge a partir de um provérbio ancestral indígena ⁹mencionado pelo autor no capítulo, no qual o escritor critica a ideia de que a economia não pode parar. O líder indígena explica: “Nós poderíamos colocar todos os dirigentes do Banco Central em um cofre gigante e deixá-los vivendo lá, com a economia deles. Ninguém come dinheiro.” (KRENAK, 2020, p. 12).

O pensador indígena argumenta, em suas falas presentes adaptadas para o capítulo, que mesmo os humanos percebendo os recados da Terra continuam com os mesmos projetos “civilizatórios”. De acordo com o autor, tudo isso vem acontecendo porque continuamos a persistir na manutenção de um sistema brutal que opera na maioria dos países do globo – o modelo capitalista-, por isso não existe, por parte dos agentes governamentais, a preocupação com os recentes fenômenos naturais que estão apenas dando uma resposta biológica da nossa agressão contra a Terra. Krenak exemplifica essas tendências “civilizatórias” neste texto, como os acontecimentos trágicos que ocorreram na região em que ele vive, conforme o escritor “[...] Duas barragens, uma em Mariana e outra em Brumadinho, derramaram ferro em cima da gente. O longo processo de desenvolvimento dessas tecnologias que nos enchem de orgulho também encheu os rios de veneno.”(KRENAK, 2020, p.27).

O autor direciona críticas a capacidade incrível que essa nata de gente extremamente rica tivera em transformar cada crise em oportunidade para ficarem mais ricos. Quando ocorrem tragédias ambientais, como em Mariana e Brumadinho, ambas em Minas Gerais, os agentes que dominam e controlam a nação possuem a capacidade de regenerar as suas invenções que foram engolidas pelos fenômenos naturais e de criarem outros artefatos. Apesar de continuarem persistindo nesse projeto, em algum momento a conta chega e todos os grupos humanos estarão no mesmo patamar. Ailton Krenak escreveu:

Alguns críticos dizem que não, que esses caras sempre tiveram uma capacidade incrível de transformar a crise em oportunidade para ficarem mais concentrados e mais ricos, mas isso também tem limite. Até uma lei da física mostra que nada pode se concentrar tanto assim, por isso alguns reatores nucleares vazam- ou explodem. (KRENAK, 2020, p. 17).

Para melhor exemplificar essa questão, Krenak argumenta com José Aravena- Reyes no texto “*O cuidado como base epistemológica da produção técnica do antropoceno*”, em que abordam como a produção técnica na era do Antropoceno tem afetado o atual contexto global, argumentando, a partir disso, sobre

⁹ “Quando o último peixe estiver nas águas e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que ele não é capaz de comer seu dinheiro”. Provérbio indígena presente na p.13 do livro *A vida não é útil*, 2020

a necessidade de existir uma mudança de pensamento, de reflexão sobre os fundamentos da tecnologia que foram empossadas pelo modelo econômico vigente, conforme os autores:

O Antropoceno se apresenta como um desafio filosófico para a comunidade tecnológica; se algo não for feito, a produção técnica inevitavelmente continuará a degradar o planeta ao ponto de consolidar mudanças geológicas tão severas que podem vir acabar com a vida humana no planeta (ou pior, com o próprio planeta e todas suas vidas). (ARAVENA-REYES; KRENAK, 2018, p. 131).

Desta forma, compreende-se que os desígnios do sistema capitalista contemplam as tragédias para depois lucrar com elas, preferem vender os bens produzidos do que reduzir com as atividades humanas que violam as partes da Terra. Ademais, podemos exemplificar essa ganância humana, em favor do progresso com base na exploração da mãe terra, a partir das advertências realizadas por Ailton Krenak (2020) no texto em análise:

Aqui na minha região, a Vale está parecendo a bolsa de valores: nervosa. Desde que o mundo parou, ela acelerou. Os trens dela passam a trezentos, quinhentos metros da minha casa. Apenas um rio em coma nos separa da estrada de ferro. E a composição dos trens é gigante: a terra treme quando eles passam. O vaivém não para a noite inteira, o dia inteiro, eu até fiquei pensando: será que estão fazendo o último assalto? Estão piores que antes, a febre deles subiu. [...] (KRENAK, 2020, p. 23).

Neste contexto, Krenak tece críticas acerca da concentração de riquezas, que estão bem-sinalizadas no texto “Não se come dinheiro”. Para o autor, os governos e as revoluções deixaram de existir, não há mais separação entre política e mercado financeiro, somos administrados por grandes corporações. O acúmulo de poder e dinheiro deixou os humanos se comportarem como se tivessem acima dos outros seres, -os quilombolas, os indígenas, os ribeirinhos que são classificadas enquanto “sub-humanidade”, como também a fauna e a flora são excluídas da amplitude que é a humanidade. Os humanos, uma minoria deles, acreditam que são uma espécie inatingível e que jamais teriam suas estruturas abaladas. Para melhor exemplificar essa questão, Krenak enfatiza em seu texto que

O poder, hoje, é uma abstração concentrada em marcas aglutinadas em corporações e representada por alguns humanoides. Não tenho dúvida de que esses humanoides, focados no poder da grana, também vão sofrer uma saturação. Estamos experimentando uma gradual mudança na condição de vida no planeta e seremos todos postos no mesmo patamar. Um cara que tem trezentos trilhões e eu e você vamos ficar todos na mesma. (KRENAK, 2020, p. 10-11).

O intelectual indígena, também, direciona críticas contundentes a maneira que nós dependemos de algum agente - seja ele os governantes, as marcas, as indústrias - para nos mantermos vivos. No mesmo texto “*Não se come dinheiro*”, o autor chama a atenção, sobretudo, sobre nosso

comportamento em relação aos alimentos que comemos, pois para Krenak estamos consumindo comidas processadas pelas indústrias, as quais não fazemos ideia de como elas são criadas. O autor destaca que:

Não podemos ficar esperando o governo mandar suprimentos, ou o supermercado, ou qualquer uma dessas fábricas que empacotam tudo. A maioria das pessoas não só come coisas aparentemente envenenadas, tipo morangos e tomates, como também consome muita coisa que nem sabem o que é. Tem uma composição lá qualquer, cheia de nomes que não sabemos o que significam. Ora, como é que você vai acreditar naquilo? Podem ter processado qualquer lixo e estarem te dando para comer. Por isso, seria muito melhor a gente cuidar da nossa sementinha, ver ela brotar, acompanhá-la, para então colher. Só assim você vai saber de onde vem o que come. (KRENAK, 2020, p. 20-21)

Ele destaca que há uma relação complexa da Vale mineração e outras empresas do agronegócio no país, no qual ambicionam o acúmulo de dinheiro a partir de um ideal “civilizatório” e de “progresso” que deve ser alcançado sobrecarregando a Terra. Conforme as explanações do pensador, no capítulo em questão, há uma campanha publicitária divulgada por um dos principais veículos de comunicação do país que afirma que “o agro é tech, o agro é pop, o agro é tudo”. Krenak direciona críticas de que tudo virou agro, todo o projeto de industrialização se tornou pop. Ele argumenta que a continuidade desse projeto pelas elites econômicas condicionara ao planeta uma transformação negativa, e que para podermos continuarmos fazendo parte do mundo teremos que parar de caminhar em direção ao “progresso”, essa ideia de um suposto ponto de chegada, que para o autor não existe.

De acordo com as falas do escritor, a humanidade precisa enfrentar a era do Antropoceno que nega as diversas formas de existência, pois existe outros seres além da espécie humana. Analisando as informações da vasta documentação existente por meio de seus livros, participações em lives, programas de TV, palestras, podemos perceber que ele retira alguns grupos humanos que não são coniventes com a destruição do espaço natural, são eles: os povos indígenas, os quilombolas, as caiçaras, os aborígenes espalhados pelo planeta, são essas minorias que ainda mantêm relações orgânicas com a Terra.

Para além disso, Krenak tece críticas contundentes a chamada “modernidade”, isto porque fomos instigados a nos sentirmos como seres emancipados, superiores e racionais, ou seja, que estamos a frente de outras vidas. O pensamento do escritor, ao lado de outros intérpretes, vem enfatizando com veemência uma visão de mundo que enxerga a Terra como a grande mãe que nos nutre de tudo que precisamos. As suas reflexões analisam as contradições que foram vigorosas para chegarmos à condição do planeta que temos hoje. Para Krenak, as invenções de artefatos modernos foram geradas

com o intuito de nos fazer acreditar que continuaremos existindo, a invenção das coisas produziu em nosso comportamento a necessidade de consumir e nos entreter a cada novidade imposta pelo mercado, no entanto, provocou em nós um distanciamento do organismo vivo que é a Terra.

Por diversas vezes, Ailton Krenak enfatiza que tudo é natureza, somos parte integrante dela. Em bate-papo com o apresentador Pedro Bial, para exibição do *Conversa com Bial* no dia 19/04/22, o autor reitera críticas a ideia de separação entre os humanos e a natureza, o escritor afirma que “Quando instituiu o corte entre humano e natureza tudo vale, a ideia de recurso, a ideia de patrimônio, todas essas ideias que têm a ver com o jeito dos humanos administrar o mundo que é uma pretensão escandalosa, porque os humanos não administram mundo nenhum.”

O líder indígena avalia o sucateamento dos recursos naturais das Minas Gerais fazendo análises com as poesias de Carlos Drummond de Andrade, a quem Krenak se refere enquanto um paraquedas colorido em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019). Drummond, poeta e mineiro, assim como Ailton Krenak, ilustrava em suas poesias muitas assertivas no modo que o homem trata a natureza e seu meio social, de sua intensa relação com a região onde nasceu e que assim como o pensador indígena compartilham do mesmo afeto pelo lugar. Ailton Krenak, é um sobrevivente da região da Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, a sua aldeia fica às margens do rio Doce, o Watu é como os Krenak se referem ao rio, onde rompeu-se uma barragem de rejeitos de mineração, controlada pela mineradora Samarco/BHP Billiton, da Vale. Segundo Krenak, o crime deixou o rio, que para ele e seus parentes é um avô, morto.

Ademais, devemos atentar para a história do Brasil contada por um intelectual e líder indígena. No documentário *Guerras do Brasil.doc* (2019), o autor apresenta uma diferente versão da história do Brasil, de maneira oposta a narrativa hegemônica. Quando ele diz na cena 1º *As guerras da conquista*: “O Brasil não existiu, o Brasil é uma invenção, e a invenção do Brasil ela nasce exatamente da invasão [...]”. O episódio de estreia conta com os depoimentos de Ailton Krenak, intelectuais da educação e com a participação da também ativista indígena e deputada federal eleita pelo estado São Paulo em 2022, Sônia Guajajara. Essa edição conta a história da invasão portuguesa nas praias brasileiras, o processo de colonização e sua relação com os índios, de certa maneira, a série documental contribuiu em apresentar diferentes versões da história do Brasil vista sobre a compreensão de dois importantes líderes indígenas.

As abordagens expostas pelos narradores do documentário nos revelam mitos sobre a fundação do país, que nos embalaram com a narrativa de que nossos formadores estavam numa mesma

poesia para a construção da nação. A criação do Brasil não é romântica, é uma negação de um histórico de violências que deixaram marcas profundas em nós. No tocante a essa discussão, trago uma crítica que Ailton Krenak sugere em bate papo com Jailson de Souza e Silva sobre a ideia de pertencimento a nação brasileira, segundo o intelectual a nossa gente só cria uma união, enxerga uns aos outros, quando passa por períodos difíceis e critica que nós temos vivido juntos essas experiências trágicas e muitas vezes temos lutado separados. Krenak enfatiza que devemos criar uma memória continuada de quem nós somos, somente os povos indígenas e afrodescendentes comungam dessa ideia, conforme o autor nessa entrevista

“Esse acampamento tem toda essa multidão, toda essa gente e mundos aqui dentro. Nesse breve relance de olhar uns nos outros fazemos um “Diretas já”, fazemos uma campanha da constituinte, mas volta o acampamento para o escuro de novo e recomeça a pancadaria doméstica. Só quando acende a luz de novo que você olha e vê uns aos outros meios esfolados, quebrados”¹⁰

Em outro momento de fala, na live de comemoração dos 35 anos da editora Companhia das Letras publicado no Youtube, aconteceu “O encontro Ailton Krenak e Davi Kopenawa”, no qual Krenak sublinha sobre essa questão de sermos um povo brasileiro, trazendo a abordagem de outro intérprete do Brasil, o sábio da cultura quilombola, Nego Bispo. Afirmou Krenak:

“Não imagino que vai haver nos termos que diz o nosso querido Nego Bispo (...), eu não acho que vai haver uma confluência suficiente para fazer essa mudança se ela for só na perspectiva indígena e afrodescendente ela precisa ser plural, porque nós nos tornamos um país complexo, então a gente precisa convocar todo mundo.”¹¹

Krenak defende na narrativa *Não se come dinheiro* que precisamos entender que nós somos parte da natureza, que a epidemia do coronavírus surgiu para abalar as estruturas criadas pela alta casta da humanidade, que ao seu ver, tem sido como verdadeiras pragas do planeta. O escritor questiona que para aqueles que pediam por uma “volta” da vida normal antes da pandemia, estão cometendo um erro, ele escreve: “Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro (KRENAK, 2020, p.49).

Diante disso, Krenak sublinha sobre o privilégio de estar vivo, todavia a nossa cultura ressignifica o sentido de existência, a partir de atividades mecânicas do mundo moderno. Nos fazendo acreditar na realização pessoal por meio da produção e do consumo, com isso acabamos com a

¹⁰ Disponível em: <http://periferiasedita.com.br/materia/ailton-krenak-a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-ii/>. Acessado em: 01 out. 2022

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ywf8FEKQuWQ> Acesso em: 25 abr. 2022

possibilidade de vivenciar a vida em comunhão com a mãe natureza. Ailton Krenak traz a sacralidade da vida e nos convida para esse modo de viver:

Em vez de ficarmos pensando no organismo da Terra respirando, o que é muito difícil, pensemos na vida atravessando montanhas, galerias, rios, florestas. A vida que a gente banalizou, que as pessoas nem sabem o que é e pensam que é só uma palavra. Assim como existem as palavras “vento”, “fogo”, “água”, as pessoas acham que pode haver a palavra “vida”, mas não. Vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição. (KRENAK, 2020, p. 28-29).

Levando-se em consideração esses aspectos percebe-se o quão necessário é a forma que vivem os povos indígenas, pois não se enxergam separados da natureza, mas se sentem parte dela. Que possamos desfrutar dessa proposta ancestral de harmonia e reciprocidade entre a natureza e todos os seres que dela são integrantes, contestando aos princípios capitalistas de competitividade e consumo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho analisou a leitura do Brasil contemporâneo destacadas pelo escritor indígena, Ailton Krenak, no texto "Não se come dinheiro". A partir da análise das fontes, propomos fazer uma crítica desses documentos e o cruzamento desses materiais para a construção da pesquisa. Para atingir uma maior percepção de leitura do Brasil atual segundo o autor, define-se a utilização de levantamento bibliográfico dos textos que discutem a pauta da história indígena.

O texto "Não se come dinheiro" apresenta críticas ao modo de vida que a humanidade persiste em prosseguir, o mesmo aponta ainda, tendências destrutivas contra a natureza e a própria humanidade. Enquanto os humanos estão se distanciando das interações com a nossa mãe, a Terra, várias corporações se apropriaram do planeta, transformando-a em mercadoria. A natureza se manifestou de uma forma surpreendente, com o aparecimento do novo vírus, que pode ter se cansado da humanidade e tentou de algum modo nos desligar do ambiente artificial que foi desenvolvido. O autor expõe, a partir de seus saberes tradicionais que a pandemia foi uma resposta as nossas atitudes, a Terra está comunicando isso para a humanidade. O líder indígena defende que os humanos se conectem com os sonhos e a vida cotidiana, invista em menos desenvolvimento e mais envolvimento.

Nesse sentido, de Minas Gerais para o mundo, proleia Ailton Krenak orientando-nos em suas produções orais que se tornaram escritas, sobre a respectiva necessidade de nós seres humanos compreendermos que a Terra é um organismo vivo. Partindo da cosmovisão indígena, líderes como Ailton Krenak, vozes ancestrais anteriores a dele e contemporâneos, são como uma fonte de sabedoria antiga que resiste em meio as crises do mundo moderno.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. **O historiador e as fontes digitais**: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. AEDOS. n .8, vol. 3, janeiro- junho 2011.

ALMEIDA, M. **A atuação dos indígenas na História do Brasil**: revisões historiográficas. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 37, nº 75, 2017.

ARAVENA-REYES, J; KRENAK, A. **O Cuidado Como Base Epistemológica da Produção Técnica do Antropoceno**. Epistemologias do Sul, UNILA, Paraná, Vol.1, n.2, p.129-163, 2018a.

BERGAMASHI, Maria A. **Intelectuais indígenas, interculturalidade e educação**. Tellus, ano 14, n.26, p.11-29, jan./jul. 2014.

CASTRO, Eduardo V. *Alguma coisa vai acontecer*. In: COHN, Sérgio (Org.). **Ailton Krenak**. Série Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2015

CICLO OUTRAS ECONOMIAS- COSMOLOGIA DO DINHEIRO/ NEGO BISPO E AILTON KRENAK. MUDA outras economias. Youtube, 18 de mai 2021. 1 h 31min 57s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ueQAV_4fWbY. Acesso em: 20 set de 2022

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Cia das Letras, 2020

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª edição. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. "A NATUREZA NÃO É UMA FONTE INESGOTÁVEL" Sempre um papo. Youtube. 14 ago de 2015. 46 min 31 s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OzV5xFWZdy0>. Acesso em: 28 set de 2022.

LILI ENTREVISTA AILTON KRENAK. Lili entrevista. Youtube. 02 de jul 2020. 28 min 23s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GIz0hRuRXqc>. Acesso em: 28 set de 2022.

MAIA, J. **Letramentos de sobrevivência em redes digitais**: caminhos possíveis na luta por direitos humanos. Trabalhos de Linguística Aplicada, Campinas, n (57.2): 954-974, mai./ago. 2018.

SILVA, E. **“Os caboclos” que são índios**: História e Resistência indígena no Nordeste (publicado in Portal do São Francisco Revista do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco/CESVASF. Belém de São Francisco, ano III, nº. 3, 2004, pp. 127-137).

SILVA, E. **ÍNDIOS NO NORDESTE: POR UMA HISTÓRIA SOCIOAMBIENTAL REGIONAL**. Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades, [S.l.], n. 240, p. 117-136, jul. 2017. ISSN 2447-861X. Disponível em: <https://cadernosdoceas.ucsul.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/297>. Acesso em: 02 maio 2023. doi:http://dx.doi.org/10.25247/2447-861X.2017.n240.p117-136.

Data de submissão: 27/02/2023.

Data de aprovação: 22/05/2023.